

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA LINGUAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

ARORAIMA MARIA BAGGIO PRADO (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO-SEMED), CARLA COMAN FRANÇA (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BLUMENAU-SEMED).

Resumo

O trabalho relata o projeto pedagógico desenvolvido nos grupos de alfabetização e letramento, em uma escola pública municipal da rede de ensino de Blumenau. Prevê ações com estratégias diferenciadas, fazendo com que todos (as) os (as) educandos (as) avancem na elaboração e apropriação do conhecimento, no complexo processo da linguagem da leitura e da escrita. Este trabalho tem por objetivo socializar, discutir e fundamentar uma prática pedagógica inclusiva, desenvolvida na sala de aula concreta. Buscamos enfatizar a importância da contribuição da leitura e da escrita, refinando as práticas e redimensionando o processo ensino-aprendizagem. A nossa capacidade de compreensão do mundo, está ligada diretamente a essa construção de conhecimento. A estrutura pedagógica deve estar sempre atenta às transformações que os atores sociais promovem no ambiente. Esta importância se faz cada vez mais presente na medida em que o ciclo de mudanças é cada vez mais curto, por este motivo a adaptação e a readaptação ocorrem incessantemente. A capacidade de criação e inovação deve ser a marca do educador do novo milênio. O projeto pedagógico referido, contribuiu de maneira significativa na aprendizagem de todos (as) os (as) educandos (as) que compunham os grupos de letramento e alfabetização. Este trabalho também tornou-se referência na rede pública de ensino do município de Blumenau.

Palavras-chave:

intervenção, leitura, letramento.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos numa época de rápidas mudanças no cenário social, com o aumento das tecnologias de informação e comunicação, redefinição de certos valores, limites e paradigmas que até então serviam de explicação para os padrões de conduta vigentes. As bases cognitivas sofreram e sofrem, num processo cíclico e dinâmico, fortes alterações. A complexidade e diversidade das relações sociais, agora nos forçam também a mudar nossa abordagem em sala de aula.

A evolução da pedagogia se expressa na capacidade dos educadores de fazerem uma precisa leitura ambiental e transformar esta impressão em ferramentas que possibilitem a facilitação do alcance dos objetivos de cidadania que a escola assumiu.

Segundo o autor (FREIRE, 2000):

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora...
é trabalhar contra força da ideologia fatalista dominante, que

estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra (p. 23)

Para socializar um trabalho, é de suma importância abordar parte de nossa concepção. Este texto então traz bem resumido algumas bases teóricas que sustentam nossa prática, perpassando do contexto macro (país/sociedade) para o micro (criança/sala de aula).

Estar na educação significa acreditar em mudanças, em transformações. No entanto, sabemos também que não basta estar e sim agir. Este agir na educação é bastante complexo, uma vez que vem impregnado pelas nossas concepções. Nossa perspectiva de sociedade, homem, mulher, criança, educação, como também dos nossos filtros psicológicos, que são frutos de nossa educação formal e informal, o que fatalmente muda o que nos parece real e sensato. É a partir desta concepção que o docente desenvolve as ações pedagógicas que permeiam a sala de aula. Para Freire, "ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do (a) professor (a) e dos alunos em ação, se encontra na base do ensinar-aprender" (FREIRE, 2000: 81)

A busca incessante por novos estudos, pesquisas e conhecimentos, fundamentalmente no que diz respeito ao processo de letramento e alfabetização, tem se demonstrado decisivo, trazendo ganhos quantitativos e qualitativos à prática pedagógica.

2. REDIMENSIONANDO O TEMPO E O ESPAÇO NA SALA DE AULA CONCRETA

Recebemos todos os dias em nossas salas de aula crianças com diferentes culturas, organizações, conhecimentos. Algumas chegam com sede de aprender a ler e escrever, querendo abraçar tudo no primeiro dia de aula e vão embora para casa um pouco frustradas por nem ao menos usarem seu caderno novo neste primeiro contato com a escola. Outras têm apenas a necessidade de serem ouvidas, tocadas, olhadas. Se formos bem a fundo vamos nos deparar com outros desejos e anseios.

Todas chegam a nós com necessidades próprias. E como atender a todas? Como saciar cada desejo?

É muito desafiador!

Como trabalhar com um grupo onde há tantas diferenças? Tantas exigências? Tantas expectativas?

Para que nosso trabalho floresça e atenda a essas necessidades de grupo, é necessário que o professor tome atitudes, reflita sobre sua ação em sala de aula, repense sua prática cotidiana, a organização do seu trabalho e principalmente agir, levando em consideração sempre o processo de construção, interação e interlocução das crianças.

Neste trabalho tentaremos repassar nossa prática baseada em leituras, observações, trocas e principalmente na parceria com a qual trabalhamos visando a um objetivo comum. Nosso maior desejo e desafio diário é alfabetizar e letrar numa perspectiva sócio-interacionista, trabalhando com projetos partindo sempre do macro para o micro (do todo para as partes), do conhecimento da criança (conhecimentos prévios) para o conhecimento ampliado (conhecimento científico).

O projeto desencadeado foi "Meio Ambiente" com os grupos de primeiros anos (5-6 anos). Dentro deste traçamos objetivos, estratégias e buscamos subsídios teóricos. O que iremos apresentar através deste registro são alguns recortes do projeto que envolvem a leitura e a escrita. Estas propostas são significativas e levam a criança a pensar, levantar hipóteses e compreender com a mediação do professor todo este processo.

Mas como trabalhar estas propostas se estas exigem tempo? Como faço com um grupo heterogêneo composto por muitas vezes em um número grande de crianças e a todas as especificidades ao mesmo tempo? É um trabalho praticamente individualizado ou compartilhado por grupos com poucas crianças. Como fazê-lo?

O professor encontra como obstáculo o fator tempo e sua organização. Daí vem a pergunta: O que as outras crianças farão enquanto o (a) professor (a) estiver mediando com um determinado grupo ou criança?

Uma das estratégias usadas são os circuitos pedagógicos, organizados semanalmente para que nossos objetivos sejam realmente alcançados. Nesses momentos de circuitos temos sempre como objetivo fazer com que todas as crianças avancem em seus conhecimentos. Para tanto, faz-se necessário mapear o conhecimento do grupo (ZDP- zona de desenvolvimento proximal) quanto à leitura e a escrita. A partir disto, acordamos qual conhecimento será abordado no circuito pedagógico, se vamos neste momento priorizar a leitura ou a escrita. Assim, o conhecimento teórico sobre como se dá esse processo da aquisição da leitura e da escrita pela criança é de fato importante para o professor.

Segundo o autor (VIGOTSKY, 1997):

"A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que já estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de frutos do desenvolvimento." (p. 97)

2.1. O Circuito na Prática

Com as bases definidas, planejamos e organizamos todos os materiais. É importante ressaltar que no momento de organizar os grupos, o (a) professor (a) tenha pré-definido os grupos de acordo com o conhecimento dos alunos e dos objetivos. Para esclarecer, mapearemos detalhadamente este movimento.

Dividimos as crianças em cinco ou seis grupos. Cada grupo será formado por quatro ou mais crianças dependendo do número de alunos da classe. O professor mapeará os grupos, sempre pensando no conhecimento do aluno, no objetivo e na interação que deverá ocorrer nestes. Marta Kohl de Oliveira cita em sua obra (Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico) que "Os grupos de crianças são sempre heterogêneos quanto ao conhecimento já adquirido nas diversas áreas e uma criança mais avançada num determinado assunto pode contribuir para o desenvolvimento das outras" (VYGOTSKY, apud KOHL, 1998: 64)

Acreditamos que a criança aprende no movimento. Alguns professores conservam no senso comum e por isso ficam aprisionados em aulas metódicas, relacionando o movimento existente na sala à bagunça, confusão, falta de concentração. Por conta dessa concepção arcaica, as crianças somente no recreio podem sair da postura estática e paralisada da sala de aula. Uma postura pedagógica onde fica evidenciada a concepção de sociedade excludente: poucos mandam e muitos obedecem.

Quando trabalhamos o "Ambiente Casa" desenvolvemos um dos circuitos pedagógicos com as seguintes propostas:

- 1- Proposta de leitura: poema "A casa" (Vinícius de Moraes);
- 2- Lego;
- 3- Fantasia;
- 4- Quebra-cabeça;
- 5- Seriação/classificação.

Para que o circuito seja compreendido relataremos cada proposta:

Grupo 1- Proposta de leitura: o objetivo desta atividade é fazer a intervenção no conhecimento da leitura. É neste grupo que o professor ficará mediando. Esta proposta foi elaborada com duas estratégias, uma para quem lê e outra para quem não lê.

Quem não lê:

1º passo- Neste grupo cada criança recebe um texto com o encaminhamento que um vai auxiliar o outro.

2º passo- Cada criança deverá enumerar as frases na seqüência que compõe o texto (neste caso a numeração foi até 10).

3º passo- A professora solicita que cada criança pegue o lápis de cor laranja, por exemplo e procure no texto na frase nº 6 a palavra "PAREDE".

4º passo- Dado este encaminhamento, a professora questiona o grupo fazendo com que as crianças levantem estratégias que antecedem o processo da leitura. Exemplo: Com qual letra começa a palavra? Com qual termina? Quais as outras letras existentes no meio?

5º passo- Após todos terem pintado a palavra solicitada, a professora dá continuidade ao trabalho, trocando a cor para as seguintes palavras repetindo sempre o mesmo processo.

Quem lê: desenvolve a proposta de leitura sem a dica de enumerar as frases, tendo que procurar as palavras pedidas pela professora lendo o texto (anexo 1).

Grupo 2- Lego: Esta atividade tem por objetivo o brincar pois através da brincadeira a criança também elabora conceitos.

Grupo 3- Fantasia: O faz de conta e a imaginação são importantes para o desenvolvimento infantil.

Grupo 4- Classificação/seriação: O grupo recebe tampinhas de cores diferentes ou figuras geométricas de tamanhos e cores diferentes. Esta atividade as crianças já realizaram anteriormente com a mediação do professor, podendo neste momento trabalhar com autonomia.

Grupo 5- Jogo: Através do jogo que a criança aprende a resolver conflitos, interagir com o outro, estabelecer regras e aprende a elaborar conceitos.

Segundo a autora (OLIVEIRA, 1998):

É importante a intervenção do professor e das próprias crianças no desenvolvimento de cada indivíduo envolvido na situação escolar, interação que podem ser consideradas legítimas promotoras de aprendizado na escola. O professor dá uma tarefa individual aos alunos em sala de aula, por exemplo, a troca de informações e de estratégias entre as crianças não deve ser considerada como procedimento errado, pois pode tornar a tarefa um projeto coletivo extremamente produtivo para a criança (p.64)

3. PROPOSTA DE LEITURA

Ainda no "ambiente casa", mas em outro circuito pedagógico, desenvolvemos outra proposta de leitura. Como professoras e promotoras da leitura, esta atividade está bastante presente em nosso planejamento. Desenvolvemos muito mais propostas de leitura do que de escrita, por acreditarmos que a escrita é uma consequência do processo da leitura. Quanto mais eu leio melhor eu escrevo.

Esta atividade tem por objetivo levar as crianças a levantar estratégias que antecedem o processo de leitura (inferência, verificação, seleção, antecipação,...). A criança aprende a ler pensando sobre a leitura, aprende a ler lendo. A proposta apresentada abaixo é a mesma para todos os grupos, mas organizada com estratégias diferentes:

Grupo 01 - As crianças que não faziam a leitura de todo o código da escrita, receberam a proposta com a imagem e uma cartela contendo todas as palavras, levando a criança a pensar como iniciavam as palavras, como terminavam, quais letras apareciam no meio delas, nomeando-as sempre e fazendo a ponte com o alfabeto fixado na parede da sala (anexo 02).

Grupo 02 - As crianças que fazem a leitura do código da escrita, mas que não percebem a relação fonema/grafema das junções de letras, formando as sílabas realizaram a proposta onde tinha a imagem, a quantidade de sílabas, a quantidade de letras que cada sílaba era formada, e uma cartela contendo todas as sílabas móveis para recortar, colar.

Quando a criança desse grupo apresenta necessidade de uma maior intervenção, esta aparece sempre com uma pergunta. Exemplo: na palavra CHAMINÉ:

Profª: A primeira sílaba tem três letras. Sons de quais letras você percebe que a sílaba tem?

Criança: -A

-X

(Quando for letra "A" a professora encaminha)

Profª: O som da letra "A" aparece no início ou no final da sílaba?

Criança: No final.

Profª: Então procure uma sílaba com três letras que termine com a letra "A".

(Se tiver mais de uma sílaba com três letras buscamos outras estratégias como selecionar todas as sílabas e pensar novamente).

Observação: Quando a criança falar que a palavra CHAMINÉ tem a letra "X", o professor deverá encaminhar ao aluno para que ele procure uma sílaba que tenha a letra "X". Neste caso, nem uma sílaba tinha a letra "X", mas é possível levar a criança a pensar e levantar outras estratégias.

O que diferencia a segunda estratégia da terceira, é que dentro dos quadrados onde a criança deverá colar as sílabas, existe o número de letras que compõe as sílabas. Exemplo: Na palavra CHAMINÉ a organização é:

(anexo 03)

Grupo 03 - As crianças que já fazem a leitura do código da escrita e iniciam o movimento de junções de letras, receberam a proposta onde tem a imagem e a quantidade de sílabas. Também recebem uma cartela contendo todas as sílabas móveis para pesquisar, recortar e colar sem o número de letras em cada sílaba (anexo 04).

Todas as crianças passam por todas as atividades do circuito. Após o grupo que está com a educadora concluir a proposta, ela dará o comando para que as crianças troquem de grupo. Assim, inicia o movimento novamente até todas as crianças passarem por todos os grupos. Neste caso, as crianças deverão passar pelas cinco atividades do circuito pedagógico.

Para Oliveira, "há tarefas que uma criança não é capaz de realizar sozinha, mas que se torna capaz de realizar se alguém lhe der instruções, fizer uma demonstração, fornecer pistas, ou der assistência durante o processo" (OLIVEIRA,1998: 59)

4. PROPOSTA DE ESCRITA

Quando exploramos o "Ambiente Floresta", relacionamos primeiramente os conhecimentos prévios. Encaminhamos pesquisas com as famílias ou com as pessoas com quem moram, socializamos, discutimos, registramos, e por fim elaboramos o conceito de floresta (conhecimento ampliado ou científico).

Apresentaremos em seguida outro recorte do projeto, dando enfoque somente à proposta de escrita, mas que também foi desenvolvido em um movimento de circuito pedagógico.

Acreditamos também em uma alfabetização como atividade de análise e reflexão sobre a língua. Uma alfabetização centrada na leitura e escrita de textos. Um texto não se define por sua extensão.

Para aprender a escrever é preciso ter acesso a uma diversidade de textos impressos. Ver, discutir e analisar diferentes utilizações que se faz da escrita em nosso meio social, perceber e entender as questões que a escrita padrão traz a quem se propõe escrever.

Segundo a autora (SMOLKA, 1999):

[...] alfabetização é um processo discursivo: a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita. (Mas esse aprender significa fazer, usar, praticar, conhecer. Enquanto escreve, a criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita (p.63)

Relatamos agora, uma proposta de produção textual, onde o grupo recebe o seguinte texto (BORGES, 2000):

"Este grupo vai atravessar uma floresta sem perigo de animais selvagens. Poderão colher frutos que encontrar no caminho e também beber água dos minadourous.

O tempo de percurso é de 6 dias, sendo que de dois em dois dias encontrarão um galpão onde poderão descansar, tomar banho e alimentar-se tranquilamente. O tempo de hospedagem em cada galpão é de 8 horas.

Existem vários caminhos, mas o que guiará vocês ao destino está coberto por uma relva verde com manchas de tinta vermelha.

Relacionar o que o grupo decide ser fundamental para levar nesta viagem e o que deverão fazer para tornar o trajeto mais ameno." (p. 45)

Após a leitura, o grupo deve registrar o que decide levar para este local. O professor deverá organizar os grupos pelo mapeamento do conhecimento da escrita. Cada grupo deverá ter um escriba para registrar as falas das crianças.

Exemplos das produções escritas realizadas em meados de junho/2007 de dois grupos: A e B

Grupo A:

"VAMOS LEVAR COMIDA

TOALHA

ROUPA

SABONETE

JAPU

TOCA

PETE

XINELO

TENES

ÁGUA

PEFUMER

BIQINE"

Texto reestruturado: "Vamos levar comida, toalha, roupa, sabonete, xampu, touca, pente, chinelo, tênis, água, perfume e biquini."

Grupo B:

"EU VOLEVAR UMA LANTERNA:

ROUPA DE ARMADILHA:

EU VOLEVAR UMA LUVA UM MP4

PARA OUVIR MÚSICA 1 CELULAR PARA LIGAR EM CASO DE

EMERGÊNCIA UMA MÁSCARA PARA OS BICHOS NÃO PICAREM."

Texto reestruturado: "Eu vou levar uma lanterna e roupa de armadilha. Eu vou levar uma luva, um MP4 para ouvir música, um celular para ligar em caso de emergência, uma máscara para os bichos não picarem."

Esta atividade é a verdadeira proposta de escrita espontânea, pois a criança escreveu o que o grupo definiu e não o que o professor solicitou que escrevesse.

Faz-se necessário observar que, após a escrita dos textos pelos grupos, em outro momento estes foram socializados e reestruturados levando o grupo a pensar sobre: a escrita correta das palavras, espaçamento entre as mesmas (semântica) e pontuação.

No momento em que o professor trabalha com produção e reestruturação de textos ele faz o papel de interlocutor, catalisador, articulador e escriba.

Segundo o autor (GERALDI, 2001):

Antes, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido do uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual será a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)? (p. 55)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que através desta prática pedagógica todos os envolvidos no processo do aprender e do ensinar têm a ganhar. Ilustramos com Capra que nos faz refletir

que "a mudança de paradigmas requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores" (CAPRA, 1996: 27)

Pontuamos abaixo alguns aspectos observados que nos afirmam isso:

- Esta prática é facilitadora da ação pedagógica;
- Faz com que todas as crianças avancem;
- É uma proposta que proporciona a inclusão social de todos os (as) educandos (as) no espaço escolar;
- A aprendizagem se dá de maneira significativa;
- Todos (as) os (as) educandos (as) recebem intervenção pedagógica;
- O retorno positivo das famílias...

Concluimos este relato acreditando nas sábias palavras de Paulo Freire (FREIRE, 2001):

Ninguém educa ninguém.

Ninguém educa a si mesmo.

As pessoas se educam entre si,

Mediatizadas pelo mundo (p. 01)

REFERÊNCIAS

BORGES, Giovanna Leal. **Dinâmicas de grupo** - Redescobrimo valores. Petrópolis: Vozes, 2000, 9ª edição.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2ª edição, 2000.

GERALD, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. Coleção na sala de aula. São Paulo: Ática, 3ª edição, 2001.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 5ª edição - Série Fundamentos.

LIMA, Elvira Souza. **Quando a criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Gedh, 1ª edição.

OLIVEIRA, Marta Kolh. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento**. Um processo Sócio-Histórico. São Paulo: Scipione, 1998. 4ª edição.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa**. Vol. 2. Brasília, 1997.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: A alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 8ª edição, 1999.

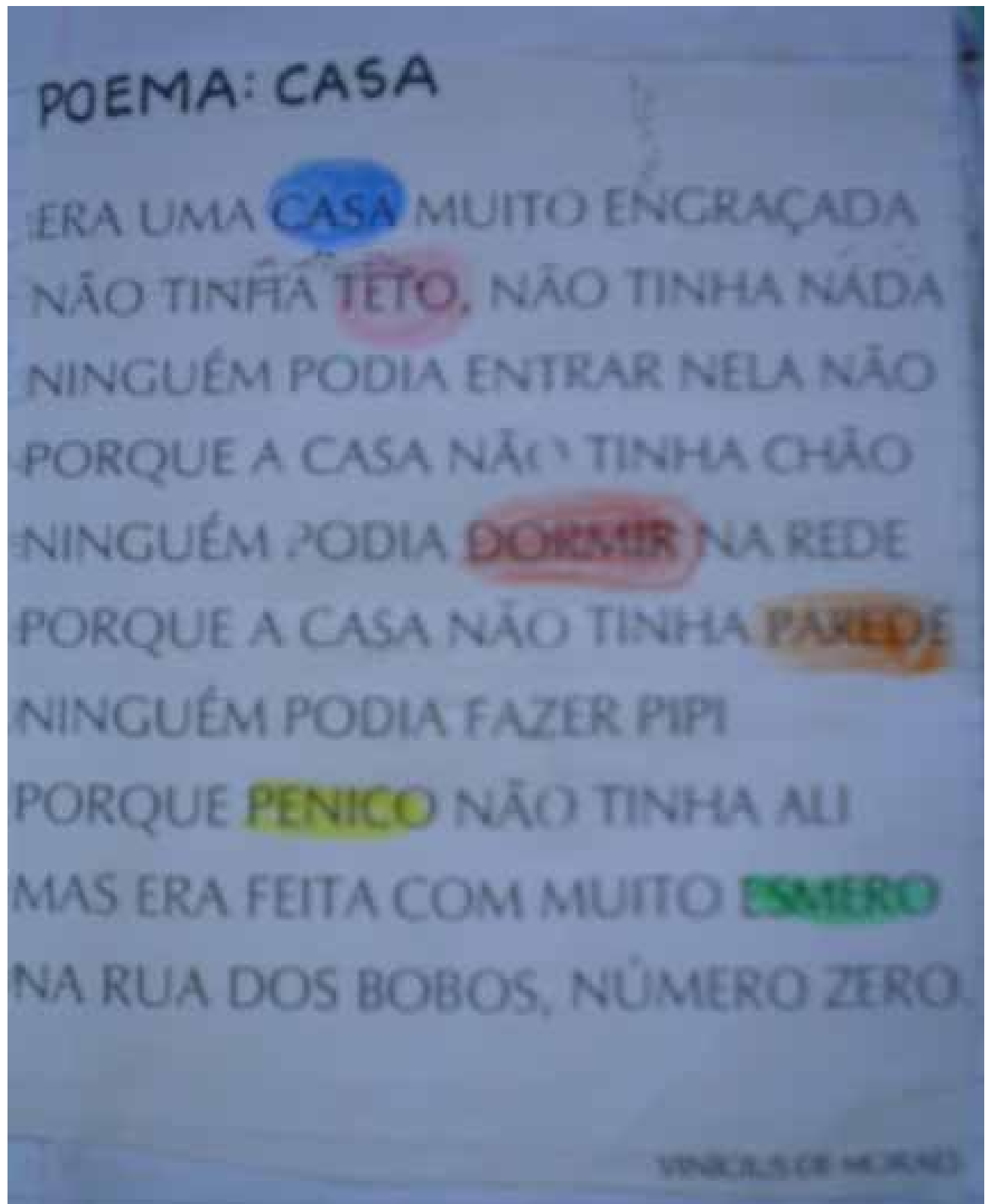
SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª edição, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ANEXOS

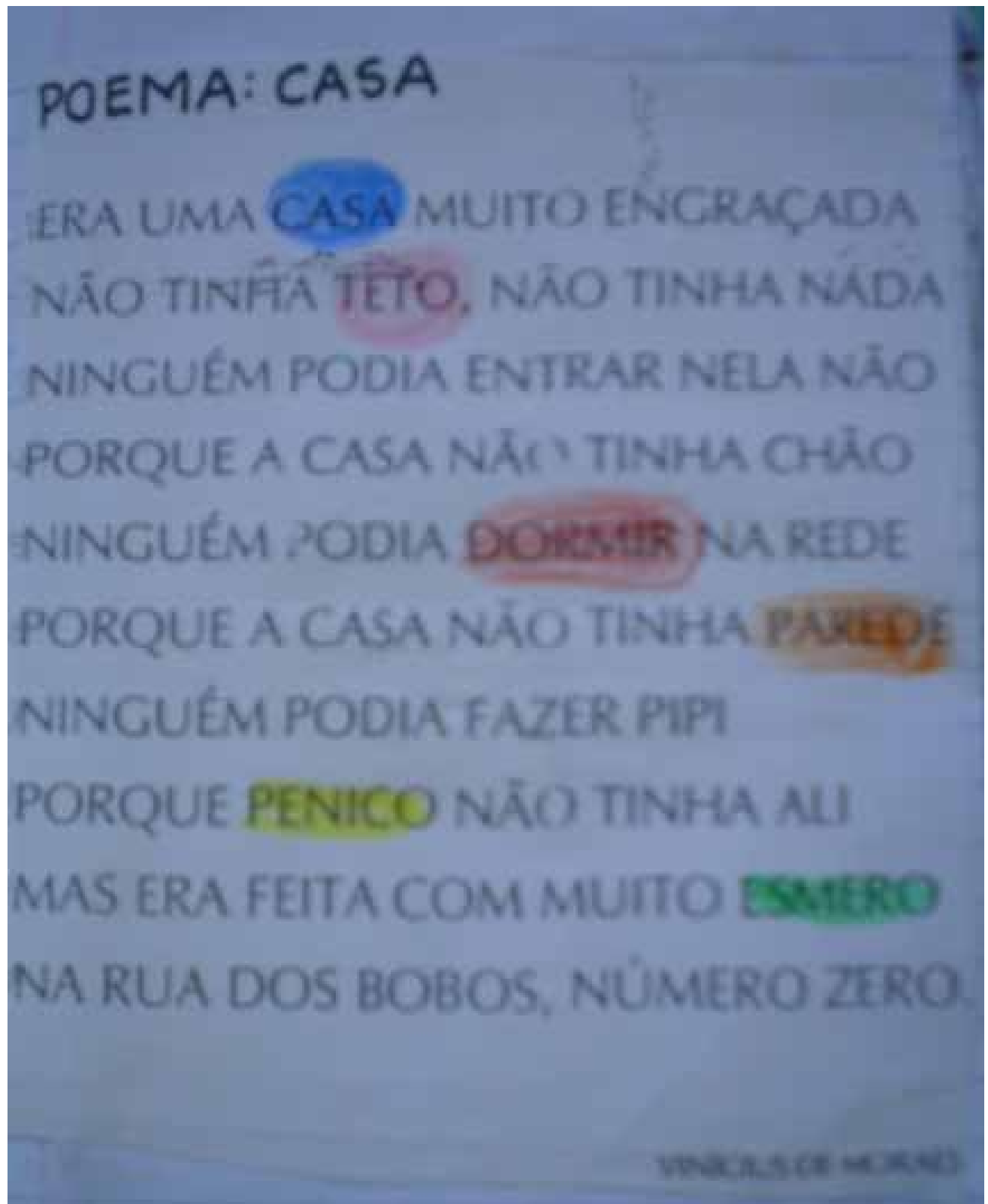
ANEXOS

Anexo 01:



ANEXOS

Anexo 01:

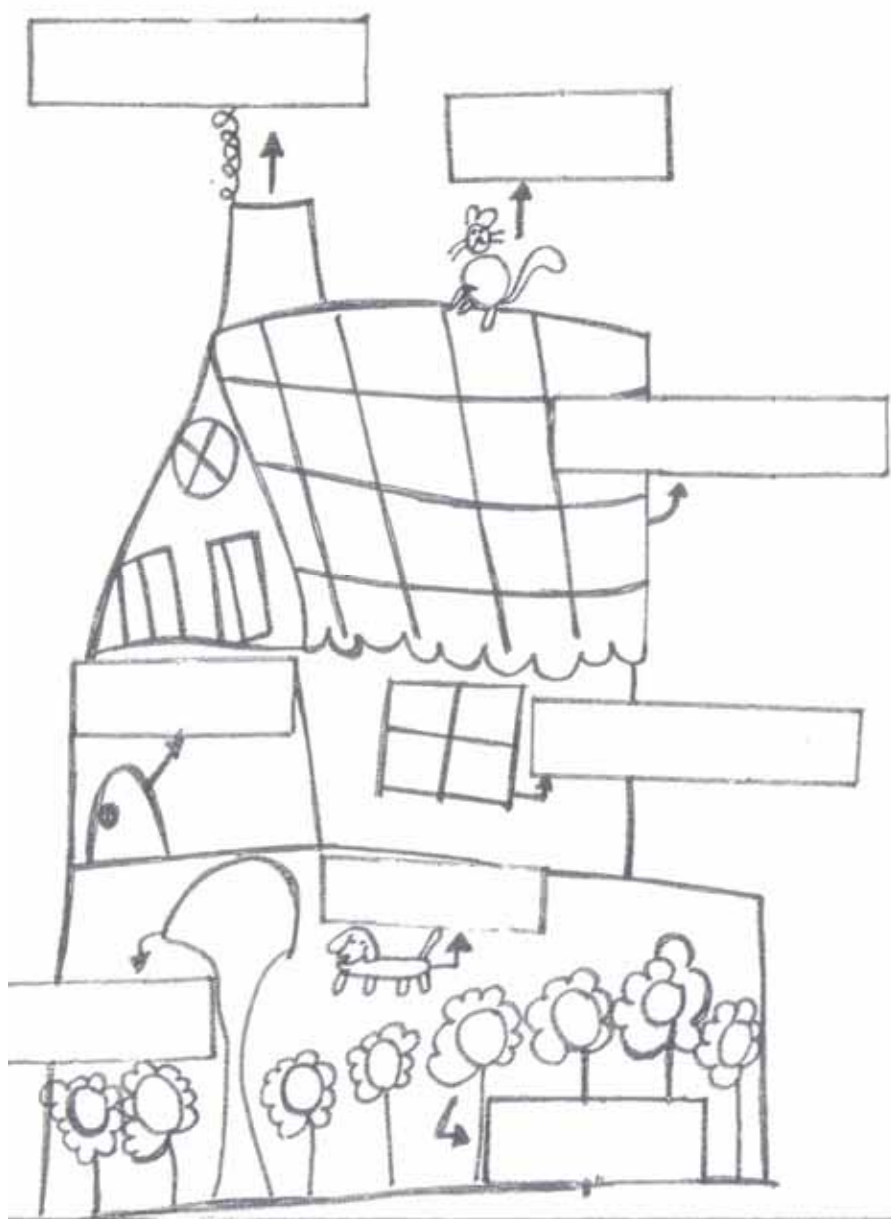


Anexo 02:

CHAMINÉ TELHADO FLORES

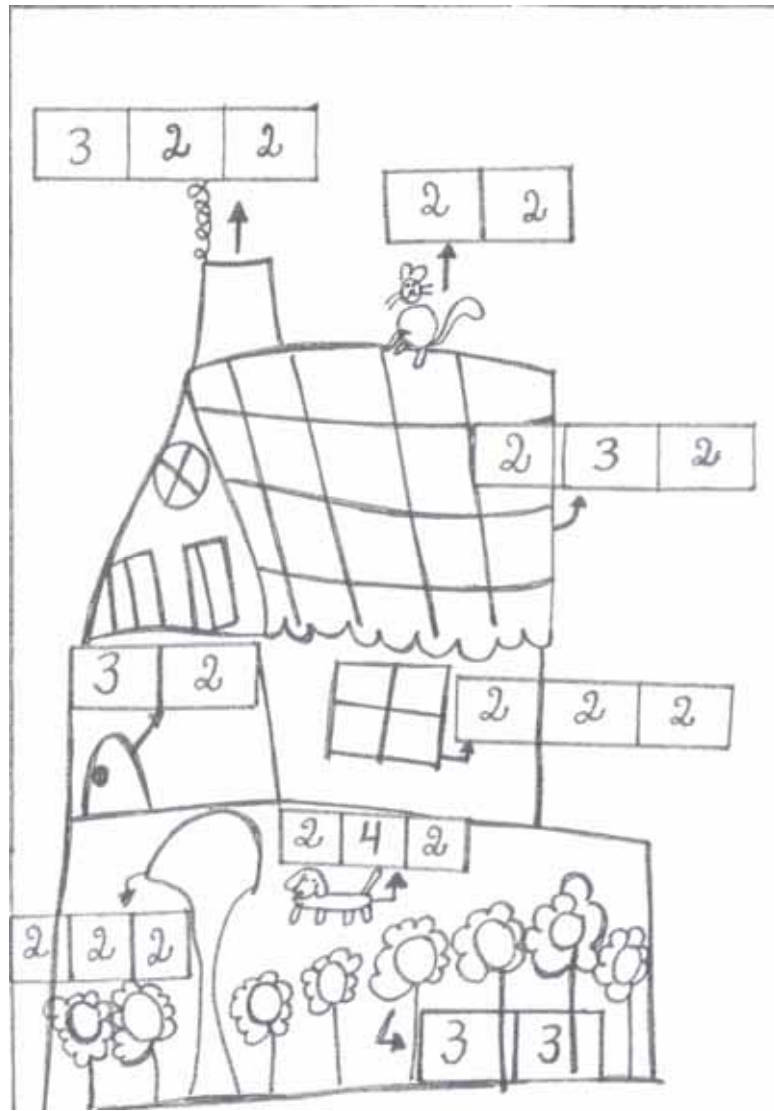
GATO CACHORRO PORTA

ÁRVORE JANELA



Anexo 03:

CHA	VO	LHA	NE	NÉ	TO	RE	CHA	TE	JA	FLO	GA
LA	GA	ÁR	TA	RO	JA	FLO	TO	NE	MI	DO	LA
TE	POR	CA	MI	CHOR	DO	RES	TA	LHA	RES	NÉ	POR
RE	CA	ÁR	CHOR		VO	RO	CHOR				



Anexo 04:

CHA	VO	LHA	NE	NÉ	TO	RE	CHATE	JA	FLO	GA	
LA	GA	ÁR	TA	RO	JA	FLO	TO	NE	MI	DO	LA
TE	POR	CA	MI	CHR	DO	RES	TA	LHA	RES	NÉ	POR
RE	CA	ÁR	CHR		VO	RO	CHR				

